

A CULPA FOI DA CARTA...

Farsa-em-um-acto, original de Hernani Coutinho da Silva

P E R S O N A G E N S

GABRIELA..... 20 anos  
JULIAO GONZAGA (pai de Gabriela)..... 50 "  
BALTAZAR (amigo de Juliao).....55 "  
ALFREDO (noivo de Gabriela)..... 25 "  
Dr. AFRANIO (medico da familia)..... 60 "  
FRANCISCO (motorista de Juliao)..... 50 "  
MARIA (criada de Juliao)..... 25 "

Arredores de Lisboa

Actualidade

Sala de estar moderna. Porta envidracada ao fundo, praticavel, dando acesso a um terraco- fundo de copas de arvores-. Duas portas a esquerda e uma a direita. Jogo de "maples" e sofa; mesa baixa, estantes para livros, bar e telefonia; candeeiro de pe alto; carpete, quadros e outros adornos para fazer ambiente confortavel.

CENA I

MARIA, so, e depois FRANCISCO

Quando o pano sobe, Maria anda a espanar o po dos moveis e adornos, cantarolando.

MARIA - (cantarolando) La-lara-lara-lari. Lari-la-la- lari, la-la.

FRANCISCO (vindo do terraco)- Bom dia, menina Maria...

MARIA- (assustada)- Credo... que susto/ Nao sabia avisar que estava ai?

FRANCISCO- Mas, eu nao estava aqui... Entrei agora mesmo. Como e que a podia avisar? Ou sera preciso tocar "a Campainha" antes de entrar?

MARIA- Deixe-se de brincadeiras e diga o que quer.

FRANCISCO\_ Ai... menina Maria; aquilo que eu mais quero e que a menina queira exactamente aquilo que eu quero, mas ao contrario (comeca a persegui-la).

MARIA- (escapando-se) Mas que grande trapalhada. Explique la isso de maneira que eu o entenda, (protegendo-se com o maple) mas fique ai quietinho, senao ainda acabamos por ficar estafados com este jogo de agarrra e foge...

FRANCISCO\_-(parando)- Eu explico, menina Maria, eu explico tudo. Sabe, perfeitamente, o muito que eu lhe quero... Se a menina Maria me quisesse a mim tanto como eu lhe quero a si, acabavamos por querer os dois a mesma coisa, mas ao contrario.....

MARIA Essa coisa de ao contrario" e que eu nao entendo la muito bem.

FRANCISCO- E simples. E tao simples como um motor de explosao a dois tempos. Ora preste atencao:- Eu quero-a, a si; se a menina quizesse exactamente aquilo que eu quero, tambem se queria a si. Esta a perceber? Ora o que eu quero e que a menina me queira a mim como eu lhe quero a si; e ai esta como, querendo os dois da mesma maneira, so ao contrario e que da certo...

MARIA- (Risonha) Que grande trapalhao... Mas, depois de toda essa baralhada, ja me podera dizer o que ca veio fazer? Bem sabe que o patrao nao gosta que entre aqui sem que o chamem...

FRANCISCO\_-Tambem, nao compreendo porque. Eu sou tao silencioso... nunca ando de escape aberto... Mas isso, agora, nao interessa. O que eu ca vim fazer e muito superior a todas essas coisas. Trata-se da felicidade da menina Gabriela, da nossa menina.

MARIA- E tudo que por ela se faca e pouco. Gosto tanto dela. Quando vim ca para casa, embora ainda fosse uma garota, adormeci-a muitas vezes nos meus bracos e quero-lhe tanto como se ela fosse minha irma, salvo o devido respeito, claro

FRANCISCO - Pois olhe que eu ate, por vezes, a considero como minha filha, e e por isso que a ajudo em tudo que posso. Que ela bem o merece. E o senhor Alfredo tambem e muito simpatico. Fazem um lindo par. O que e pena e que o Pai dela teime em fazer marcha-atras neste casamento.

Mas agora e que me lembro.... Com a conversa ia-me passando o recado que ele me deu...

MARIA- E mesmo uma cabeca de vento. Se for assim tao distraido a guiar, coitados dos peoes....

FRANCISCO- Ca com o Chico "chofer" nunca houve azar, felizmente. Mas, mudemos de direccao e vamos ao que interessa.(tira uma carta do bolso) O Senhor Alfredo entregou-me esta carta para eu a entregar a si...

MARIA - (interrompendo-o) A mim...?

FRANCISCO - Sim, a si, mas não é para si. É para fazer o favor de a entregar a menina Gabriela.

MARIA - E está você para ai há tanto tempo com palermices, tendo um assunto tão importante entre mãos....

FRANCISCO - Não estava entre as mãos, estava aqui no bolso...

MARIA - Dê cá isso e desapareça, antes que venha o Senhor Gonzaga.

FRANCISCO - Não se zangue, Mariazinha, não se zangue. Arranco já em primeira e só paro na garagem (sai pelo fundo).

CENA II  
MARIA, só

MARIA - Veja lá, não se estampe... (levando a carta ao nariz) Cheira tão bem, esta carta... Como deve ser bom, ser amada assim. (vai a sair pela D..., mas antes de chegar à porta encontra-se com a Gabriela, que entra)

A CENA III  
A mesma e GABRIELA

GABRIELA - (entrando) - Bom dia, Maria.

MARIA - Bom dia, menina Gabriela. Ia agora mesmo procurá-la. Está hoje um dia lindo, Não acha?

GABRIELA - De facto. está. Com dias assim e que nos apetece viver.

MARIA - E ainda mais lhe apetece quando ler esta carta, que ia agora entregar-lhe (entrega-lhe a carta).

GABRIELA - (pegando-lhe) - É do Alfredo. Foi o Francisco que a trouxe, não?

MARIA - Como de costume.

GABRIELA - (enquanto abre a carta) - Se o meu pai um dia descobre como ~~nos~~ nos correspondemos e que vocês dois estão metidos nisto, nem o que nos fará... (le a carta, mentalmente).

MARIA - Nem e bom pensar nisso... (espana o candeeiro)

GABRIELA - Que lindo... Ouve estes versos, Maria. Olha que se faço isto e porque sei que és muito minha amiga...

MARIA - Oh, menina, pelo amor de Deus. Por si, era capaz de me deixar queimar.

GABRIELA - Não é preciso tanto. Ouve. Ouve este poema, que e dos mais lindo que eu tenho visto. (lê alto).

"Minha estrela do Norte,  
 Agulha de marear,  
 Antes queria a morte  
 A deixar de te amar.

No mar profundo da vida  
 Deixar-me-ia afogar  
 Se tu um dia, querida,  
 Deixesses de me amar."

(noutro tom) Nao e lindo?

MARIA - E, sim, menina. E tao lindo que ate me fez chegar as lagrimas aos olhos. (limpa-os com a ponta do avental, com o qual tambem limpa o nariz).

GABRIELA - Tambem a mim. (poe a carta sobre a mesa, tira um lenço do bolso e enxuga os olhos).

Assobio, fora)

(Gabriela corre para o terraco, com entusiasmo) E ele. E ele a chamar. Se o meu pai, vier para aqui, avisa-me (sai, correndo). Vou para o Jardim.

CENA IV

MARIA, so

Maria- (que a seguiu ate a porta do terraco e a fica olhando, embevecida). Sim, menina, fique descansada. Como vai contente... Parece4 um passarinho a quem abriram a gaiola.

CENA V

A MESMA E JULIAO

JULIAO - (entrando pela direita)-Ha muito tempo que te dedicas a contemplar a paisagem? Nao tens que fazer la dentro?

MARIA - (atrapalhada) - Bom dia, Senhor Gonzaga. Eu estava aqui a limpar o po.....

JULIAO - A limpar o po? So se era o po das arvores e dos canteiros do jardim, e mesmo esse so com a vista. (energico) Gira, imediatamente, la para dentro.

MARIA - Sim, Senhor Gonzaga. Com licenca. (a parte) Vou avisar a menina. ( Sai pela Esq.)

CENA VI

JULIAO GONZAGA, so

JULIAO - Isto, de criadas, cada vez esta pior. Bem dizia a minha defunta mulher que e preciso andar sempre com o olho em cima delas, mas eu ja vou estando velho para isso. (vendo a carta) Que e isto? Uma carta? (lendo)

"Minha estrela do Norte  
 Agulha de marear  
 Antes queria a morte  
 A deixar de te amar

No mar profundo da vida  
 Deixar-me-ia afogar  
 Se tu um dia, querida,  
 Deixares de me amar."

(noutro tom) Olá ... Isto cheira-me a maresia. A maresia e a porcaria, porque nunca vi coisa mais igual mal feita. E o autor disto é capaz de estar convencido que é poeta ...

Ou eu me engano muito, ou anda marinheiro na costa. Vamos lá a estudar este caso com calma (senta-se) Pelo sentido, do poema podemos classifica-lo de "trágico-marítimo". Sendo assim, só um homem do mar o poderia ter feito. Sendo um homem do mar, tudo nos indica que se trata dum marinheiro e, sendo um marinheiro, o mais logico e que queira deitar a amarra a uma criada. Logo, se a minha dedução está certa, a destinatária deve ser A Maria . E a prova é que a apanhei aqui, olhando para longe, para o mar imenso que se avistaria desta janela se não fosse aquela serrra, além. Vou já tirar isto a limpo. (levanta-se e chama, á E. ) Maria ...  
 Ó Maria ...

CENA VII  
O mesmo e MARIA

MARIA - (entrando pela E. ) - Chamou, Senhor Gonzaga ?

JULIAO - Claro que chamei. Sabes perfeitamente que eu quero ter conhecimento de tudo que se passa nesta casa.

MARIA - Mas, nesta casa não se passa nada que o Senhor não saiba.

JULIAO - Tens a certeza ? Quando entraste para o meu serviço, eras ainda uma rapariguita pequena. Lembras-te ? Vieste para entreter a minha filha. Foste ficando e eu habituei-me a olhar por ti como se fosse teu pai...

MARIA - Muito obrigada, Senhor Gonzaga.

JULIAO (irritado) Não me interrompas. (noutro tom) Tenho pensado muito no teu futuro. Estás uma perfeita rapariga e, na idade de casar . Eu, estou viuvo há muitos anos. Sou um homem sério, e gostava ...

MARIA - (interrompendo-o) - Perdão, Senhor Gonzaga; sou muito amiga da menina, mas como irmã, se me dá licença, e nunca seria capaz de ser sua madrasta..

JULIAO - TU estás doida, rapariga ? Quem é que falou em madrasta ? Para que me interrompestes ? Dizia eu, que gostava de te arranjar um rapaz sério, trabalhador, mas com ospes bem firmes na terra e não um desses que cruzam os setes mares e tem uma mulher em cada porto ...

MARIA - Não estou a perceber onde quer chegar, Senhor Gonzaga.

JULIAO - (irado) - Ai não ? De quem é esta carta ? (mostra-a)  
 Não será dum marinheiro ?

MARIA - (á parta ) - A carta da menina ...

JULIAO - Também negas que e para ti ?

MARIA - (resoluta ) - Não, Senhor Gonzaga, não nego. Essa carta é minha.

JULIAO - Até que confessas, desgraçada. Pois se é tua, toma-a e corre com esse marujo. daqui das redondezas, que só de pensar nele já me sinto enjoado. Detesto o mar, os barcos e tudo que com eles se liga. Mas ainda há uma, outra coisa que me faz muito pior. São os maus poetas, e esse é pessimo...

CENA VIII  
Os mesmos e GABRIELA

GABRIELA (entrando pela D.) - Que exaltação é essa, meu pai ? Bem sabe que não pode exceder-se, por causa do seu coração. O Dr. Afranio quer que tenha uma vida calma e venho encontrá-lo aos gritos... Que se passou?

JULIAO (acalmando-se) Nada de importancia, minha filha (para Maria)  
Retire-se.

MARIA - Com licença (sai pela E.)

CENA IX  
GABRIELA E JULIAO

GABRIELA - O pai deve ter mais cuidado consigo. Deve seguir, A risca, o que o medico manda.

JULIAO A risca... a risca... Como posso eu seguir as coisas á risca quando todos, nesta casa, teimam em pisar o risco ?

GABRIELA - Acalme-se, pai. (consulta o relógio de pulso) O Senhor Doutor Afranio esta a chegar e vai encontra-lo nessa excitação... Tenho a certeza que lhe vai ralhar. (senta-se, folheando uma revista).

JULIAO - Esse Dr. Afranio também, já me vai aborrecendo, além de me estar a ficar muito caro. Há mais de dois meses que vêm cá todos os dias dar-me massagens nas costas por causa desta dor que se me ferrou aqui (indicando a espinha, junto ao pescoco) dizendo tratar-se duma... duma... duma coisa que me não lembro agora o nome e que, quanto a mim, não passa de reumatismo.

GABRIELA - Ele é que sabe, pai. Ele é que é medico.

JULIAO - Pois sim. Ele é que sabe mas eu é que pago. Como é medico da familia desde que tu nasceste, julga que eu sou pai dele. Mas engana-se...

(Vozes, dentro)

GABRIELA (olhando o relógio e levantando-se) Deve ser ele (encaminha-se para a E.)

CENA X  
Os mesmos e Dr. AFRANIO

DR. AFRANIO, (entrando pela E.) Dão-me licença ? (apertando a mão a Gabriela) Esta boazinha ? O aspecto é optimo. (a JULIAO) E o meu amigo ? Como vai com a sua espondilose ?

JULIAO - Vou indo, obrigado. O que não há meio de fixar e o nome dessa doença.

DR. AFRANIO - É simples. Espondilose. Mas, se quiser dar-lhe um nome mais

fácil, embora não seja tão bonito. Vamos a massagem ?

JULIAO - Vamos... Se não se importa, faz-me isso mesmo aqui, porque parece que o "barco" hoje saiu atrasado, ea criada ainda não arrumou o quarto. (vai despiando o casaco)

DR. AFRANIO - Onde quizer ...

GABRIELA- Que barco é que sai atrasado, pai ? Aqui não há mar ...

JULIAO -E É cá uma coisa que eu descbri. (deitado-se no sofá)  
Estou pronto, Doutor.

DR. AFRANIO - Então, vamos lá a isto (começa a massagem nas costas de JULIAO)  
Mas o meu amigo, hoje, está pouco calmo. Dê ca o pulso. (to-  
ma-lhe o pulso). Ena como isto está... parece um cavalo aos  
pulos. Teve alguma contrariedade?

Julião - E não foi pequena. Descobri, em cima daquela mesa, uma carta...

GABRIELA- (a parte) A carta.(Alto) Ai... (cai, desmaiada).

DR. AFRANIO - Que é isto? (correndo a Gabriela) Menina Gabriela... então?  
(para Julião) Ajude-me.

JULIAO - (que se levantou afaga a filha) Minha filha... Sou eu... o teu  
pai. (correndo para a porta chamando) Maria... Francisco... De-  
pressa... Um medico. (sai)

DR. AFRANIO - Um medico? Então que papel é o meu? Traga água, homem, por-  
que o medico já cá está.

#### CENA XI Os mesmos menos Julião

DR. AFRANIO - Então, menina Gabriela ... Isso já passou... Volte a si...

GABRIELA - (recuperando os sentidos) - Ai ... Que foi?

DR. AFRANIO - Nao foi nada. Desmaiou mas já está boa.

GABRIELA - E a carta ? Salve-me Doutor. A carta a que meu pai se referia  
era do Alfredo, mas a Maria, para me salvar, disse que era para  
ela. Se meu pai descobre tudo isto, mata-me (chora).

DR. AFRANIO - Não pense em coisas tristes. Tudo se arranjará. O Alfredo é  
uma joia de rapaz, muito merecedor de si e o seu pai não pas-  
sa de um casmurro. Mas deixe o caso por minha conta. (vozes  
fora) Ai vêm ele. Fique quietinha e confie em mim.

#### CENA XII Os mesmos, JULIAO, MARIA e depois FRANCISCO

JULIAO - (entra muito nervoso, com um copo de água em cada mão, seguido de  
Maria, que traz um jarro e uma toalha) Minha filha querida... Sou  
eu... o teu pai...

DR. AFRANIO - Já voltou a si, mas está muito fatigada.

FRANCISCO - (entra atabalhoadamente. Tráz um balde, uma esponja, uma camurça e uma mangueira, pequena) - Se for preciso mais alguma coisa é só dizer. (deixa cair a esponja e, quando a apanha. Cai-lhe o balde).

DR. AFRANIO - Pouco barulho.

FRANCISCO - Para salvar a minha menina, trago a garagem toda se fôr preciso.

MARIA - Não seja parvo.

JULIAO - Senhor Doutor, fale-me com toda a franqueza. A minha filha corre perigo?

DR. AFRANIO- Por agora não, mas o seu estado é delicado. Precisa de muito repouso e de muita distração.

JULIAO - As duas coisas ao mesmo tempo?

Dr. AFRANIO - Sim. Senhor.

JULIAO - Mas, isso é impossível...

DR. AFRANIO - Para os métodos modernos não há impossíveis. (para Gabriela) A minha filha vai para o seu quarto enquanto eu passo a receita ao seu pai. Maria ajude a menina.

MARIA - Sim senhor Doutor. (ajuda Gabriela a levantar-se e saem as duas pela porta).

JULIAO - (para Francisco) - E você vai arrumar essa tranquitana. Só faltou trazer a bomba de lubrificação.

FRANCISCO - Não faltou, não, senhor. (lêra-a da algibeira) Esta aqui.

JULIAO - (irritado) Ponha-se a andar (veste o casaco).

FRANCISCO - (atrapalhado, deixa cair algumas coisas) Cá vou... cá vou... Já nem se pode ser bom. (sai pelo terraco).

CENA XIII  
DR. AFRANIO e JULIAO

DR. AFRANIO - (levantando-se) Senhor Juliao Gonzaga. Ha muitos anos que sou medico da sua familia e ...

JULIAO - (interrompendo) Bem sei, bem sei... Quase que ajudou a minha filha a nascer, pegou-lhe as bexigas e o sarampo, ajudou a minha mulher a morrer...

DR. AFRANIO- (interrompendo) Alto aí. O senhor está a trocar tudo...

JULIAO - Se for ao contrário ainda é pior. (senta-se) Mas tudo isso já passou. O que agora me interessa é curar a minha filha. (Maria vem da porta atravessa a cena pega no jarro e copos faz uma vénia, e sai pela porta)



DR. AFRANIO - Pois é mesmo e isso que vamos fazer. (senta-se) Eu preciso que esteja sempre alguém junto dela para lhe fazer companhia e a socorrer, se o desmaio se repetir. Conheço um enfermeiro no qual tenho a máxima confiança, que é o que está mais indicado para tratar o melindroso caso da nossa Gabriela.

JULIAO - Não seria mais próprio uma enfermeira? Não se tornará reparado?

DR. AFRANIO - Mas no fim de contas o que é que está aqui no jogo? É a saúde da sua filha ou é as más linguas do Mundo? As enfermeiras estão mais indicadas para os homens; para estes casos não servem. Começam a falar de rendas, de malhas, de modas, de bailes, de namoricos, e lá se vai o repouso de que a sua filha tanto necessita sem haver a distracção que tanto bem lhe fará. Um enfermeiro é o que está indicado, e vou já buscá-lo, sem perda de tempo. (levanta-se)

JULIAO - (levanta-se) Está bem, Doutor. Confio em si. Entrego nas suas mãos a preciosa saúde da minha filha.

DR. AFRANIO - Obrigado, pela sua confiança, mas quem me vai agradecer imenso é ela. Até já. (aperta a mão de Julião e sai pela porta)

JULIAO - Ate ja, Doutor.

CENA XIV

JULIAO, só, depois MARIA e BALTAZAR

JULIAO - Mas que métodos tão estranhos que agora há para tratar os doentes enfermeiras para os homens, enfermeiros para as mulheres, repouso e distracções ... Como é que coisas tao antagonicas podem dar certo? Modernismos. Modernismos que eu não entendo.

MARIA - (à porta) Senhor Gonzaga. Está ali um senhor, que diz chamar-se Baltazar, e que deseja falar com V. Excelencia.

JULIAO - (recordando-se) Baltazar.... Baltazar...

MARIA - Tem umas barbas grandes...

JULIAO - Será possível? Manda entrar já...

MARIA - (a porta para dentro) Faz favor... (Dá passagem a Baltazar e depois sai).

BALTAZAR- (entrando) Das licença?

JULIAO - Entra, homem, entra ... Há quanto tempo ...

BALTAZAR - É verdade ... Tu estás óptimo, Julião. Venha de lá esse esqueleto (abraçam-se dando Baltazar grandes palmadas nas costas de Julião). Há quanto tempo não nos viamos...

JULIAO - (doendo-se) Ai, Ai... Com mais jeitinho, amigo...

BALTAZAR - Não me digas que ja não te aguentas com um abraço do forte Baltazar?

- JULIAO - Lá aguentar, aguento, o pior e a "espantalhose" ou lá o que e que eu tenho. Mas, senta-te... (sentam-se).
- BALTAZAR - "Espantalhose"? Nunca ouvi falar...
- JULIAO - Isso é o nome fino da doença. Cá na nossa linguagem chama-se "bicos de papagaio".
- BALTAZAR - Entao foi herança que carregás-te de Africa para cá. Lá e que há muitos ~~papagos~~ papagaios; e com cada bico...
- JULIAO - Mas isso é o que ainda menos me rala. O que me preocupa agora é a doença da minha Gabriela.
- BALTAZAR - A minha afilhada está doente? E nao me dizias nada... Onde está ela? Quero vê-la. Deve estar uma perfeita rapariga.
- JULIAO - Agora está a repousar, para depois se distrair.
- BALTAZAR - Então não deve ser grande a maleita. Se depois de descansar vai para a pândega é porque não é doença de perigo.
- JULIAO - Nao é nada disso. É um novo método para curar doenças novas por processos modernos...
- BALTAZAR - Mas que grande confusão... O que tu devias fazer era casá-la, pois já deve estar mais que na idade...
- JULIAO - Nao me fales nisso. A rapariga só tem inclinação para um farrapilha sem eira nem beira, que andou por ai a rondar a porta, mas que eu mandei por ao largo pelo Francisco o motorista.
- BALTAZAR - Mas, nem sequer procurás-te falar com ele? Conhece-lo?
- JULIAO - Eu? Nem pensar nisso é bom. Nem a sombra lhe quero ver. Pelintras que andam atrás de filhas familia-ricas, é correr com eles como se corre com um cão.
- BALTAZAR - Ai, Ai, Julião Gonzaga. Como é fraca a memoria de certos homens. Ja nao te lembras do Juliao "pelintra" que deu volta à cabeça da "Beatriz Vilela, a filha unica do Vilela mais rico de Lourenco Marques?
- JULIAO - Pois é por me lembrar do que fui e das artimanhas que tive de usar para conseguir que a mulher que me convinha fosse minha, que eu quero guardar a minha filha para um homem que convenha a ela para marido e a mim como genro; e esse ~~tu~~ tipo de homem tem que ser rico
- BALTAZAR - Mesmo sem saberes se agrada ou nao a tua filha?
- JULIAO - Isso nao interessa. Desde que eu ache que serve, é o bastante.
- Baltazar - Pois sendo assim, parece-me que tenho o homem que te convem.
- JULIAO - Plavra? Mas isso é óptimo. Homem que venha recomendado por ti tem que ser obra fina.

BALTAZAR - Agradeço a tua confiança...

JULIAO - Não tens nada que agradecer . A nossa amizade e confiança mutuas já datam de muitos anos . Não julgues que me esqueci quando, Ainda rapaz, andava por Africa a comer o pão que o diabo amassou... Mas, se tu não te importas, vens comigo, pois tenho que sair e não me posso demorar muito porque o médico está por aí a chegar com o enfermeiro e eu quero conhecer o bicho antes dele começar a tratar da Gabriela. (levanta-se)

BALTAZAR - Mas a rapariga tem assim coisa tão grave que venha de meter enfermeiro?

JULIAO - Não, parece que não é muito grave, mas o médico acha conveniente e até insiste...

BALTAZAR - E tu vais deixar a tua filha sózinha, assim doente?

JULIAO - Então que queres? Tenho que tratar de uma transacção importante antes do meio dia e à qual não posso adiar senão perco um bom par de vinténs. De resto, ela fica com a criada e o motorista, e eu pouco me demoro. Lá o dinheirinho é que eu não posso perder. Vem daí comigo, e fallemos do teu homem pelo caminho.

BALTAZAR - Com todo o prazer. (levanta-se) Não tenho nada em que gastar o tempo.

JULIAO - Então, vamos. (saem ambos pela porta) ...

#### CENA XV

DR. AFRANIO e ALFREDO, que entram pelo  
§ fundo, pouco depois dos anteriores saírem .

DR. AFRANIO - Estamos cheios de sorte. O senhor Juliao Gonzaga saiu mesmo agora e isso dá-nos tempo suficiente para pormos o nosso plano em prática.

ALFREDO - (que traz um embrulho) Mas, senhor Doutor, não será perigoso passar por aquilo que não sou? Isso não trará aborrecimentos, ou até qualquer coisa pior, à Gabriela?

DR. AFRANIO - Para ela não há perigo nenhum e se algum houver para si, tem boas pernas para correr... Vista a bata que aí traz embrulhada e deixe o resto comigo. (Alfredo veste a bata, que o Doutor ajuda a abotoar) Agora vou dizer a criada que chame a Gabriela para a por, ao facto de tudo isto (chamando à porta) Menina Maria... O menina Maria...

#### CENA XVI

~~xxxxxxxxxxxx~~ Maria

Os mesmos e Maria

MARIA - (entrando pela porta) O senhor Doutor chamou?

DR. AFRANIO - Chamei, sim.

MARIA - (vendo Alfredo) Ah! O senhor Alfredo aqui? Nessa figura?

DR. AFRANIO - Sim, é o senhor Alfredo, que deste momento em diante passa a ser o senhor enfermeiro.. Temos que vencer a teimosia do seu patrão . Como está a menina?

MARIA - Eu estou bem, muito obrigada, Senhor Doutor.

DR. AFRANIO - Nao e voce, e a menina Gabriela.

MARIA - Ah... Essa esta melhorzinha, felizmente. Pode mesmo dizer-se que ja esta boa.

DR. AFRANIO - Entao va dizer-lhe que venha aqui a sala falar comigo.  
Mas nao lhe diga nada quanto ao senhor Alfredo. E surpresa.

MARIA - (saindo pela porta direita) E que surpresa...

CENA XVII

Os mesmos menos MARIA, depois GABRIELA

ALFREDO - Mas, senhor Doutor, que vou eu fazer, se nao percebo nada de enfermagem?

DR. AFRANIO - Mau, mau... Voce nao quer casar com a Gabriela?

~~ALFREDO~~

ALFREDO - Pois claro que quero.

DR. AFRANIO - E nao sabe namorar.

ALFREDO - La isso sei...

DR. AFRANIO - Entao, e so isso que tem a fazer. Nunca saia junto da pequena acompanhe-a por toda a parte e deixe o resto por minha conta Ouco passos. Va ali para o terraco, um bocadinho. (saida ~~à~~ falsa de Alfredo pelo fundo)

GABRIELA - (entrando pela direita) Quer falar-me, senhor Doutor?

DR. AFRANIO - Quero, sim, minha filha. Estou a jogar tudo por tudo para a fazer feliz. Sempre fui de opiniao que para grandes males grandes remedios e que a ferida do cao se deve curar com o pêlo do mesmo cao. Muito embora nao seja este o nosso caso estou convencido de que alguma coisa vai resultar do plano que tramei. Olhe para ali. (indica o terraco)

GABRIELA - (vendo Alfredo) Alfredo ... Que loucura...Tu, em minha casa?

ALFREDO - (descendo) Sim, querida. Em tua casa e junto de ti sempre e para toda a ~~vixa~~ parte. Foi uma ideia do Sr. Dr. Afranio que esta convencido ser a unica maneira de vencer a teimosia do teu pai e convencê-lo a consentir no nosso casamento.

GABRIELA - Mas, tenho tanto medo ...

DR. AFRANIO - Nao pense nisso. Quem ama nao teme e quem nao teme nao tem medo.

ALFREDO- Podemos confiar no Sr. Dr. Afranio porque ele e muito nosso amigo/  
conhece bem o teu pai e parece saber o que faz.

GABRIELA - Pois sim, eu confio, mas acho melhor irmos la para dentro, nao va o meu pai entrar sem darmos por isso e entao e que ficamos todos a conhecê-lo a fundo. Vamos por aqui (saem todos pela direita).

CENA XVIII  
MARIA, so

Maria (entrando pela Esq....., a correr) Senhor Doutor... menina Gabriela... (para e percorre a cena com a vista) Ja ca nao estao. Ainda bem. Vem ai o patroa com o amigo barbudo (sai pela D?).

CENA XIX  
JULIAO E BALTAZAR

JULIAO - (entrando pela Esq, seguido de Baltazar)- Pois, amigo Baltazar, se e como dizes, temos o negocio fechado.

BALTAZAR - So pode haver um inconveniente, Desde que cheguei ainda nao tive tempo de procurar o rapaz, mas estou convencido que, se ainda estiver solteiro, nao tera duvidas em casar com a tua filha, desde que eu lhe mostre esse desejo.

JULIAO - Entao, logo que possas, trata disso. Quero a rapariga arrumada para deixar de ver andarem por ai os caes tinhosos a espera do osso. Fica aqui um bocadinho, enquanto eu vou buscar uns papeis ali dentro. Depois vamos ver a Gabriela, que deve estar ainda a repousar no quarto. (sai pela D.)

BALTAZAR - Nao facas cerimonia. Eu fico aqui a var estas revistas (senta-se num maple, de costas para o terraco).

CENA XX  
O mesmo e Alfredo

ALFREDO - (entrando pelo terraco)- Livra... Se nao salto pela janela era cacado... (vendo Baltazar) Perdao (encarando-o) Mas... e o meu padrinho...

BALTAZAR (levantando-se) Macacos me mordam se eu esperava ver-te aqui. Venha de la um abraço (abracam-se) e ainda bem que te encontro pois preciso muito falar-te.

ALFREDO - Entao fale ja, porque tenho a impressao que tenho poucas horas de vida....

BALTAZAR- Nao digas asneiras. Estas com um aspecto magnifico ea morte ate foge de pessoas assim. Mas, do que se trata e do seguinte: -Ha um velho amigo meu que tem uma filha, que deve estar uma linda rapariga, e para a qual procura um marido.  
Falamos no assunto e chegamos a conclusao que tu e que estavas mesmo a calhar....

ALFREDO - Tenho muita pena, padrinho, mas nao lhe posso ser agradavel.

BALTAZAR- Porque? Ja casaste?

ALFREDO - Ainda nao casei mas e como se ja tivesse casado. Amo uma senhora, que me corresponde com igual sentimento e, ou caso com ela ou nao casarei com nenhuma.

BALTAZAR - Não digas asneiras. Eu fazia tanto gosto neste casamento. E da-se a coincidência de ela ser também a minha afilhada. Mas, ainda não me dissestes o que fazes aqui, com essa bata branca...

ALFREDO - Isto é um disfarce. Foi a única maneira de me aproximar daquela que amo mesmo nas barbas do pai, sem que ele desconfie de nada...

BALTAZAR - Bem pensado, sim senhor... E eles são visita cá de casa?

ALFREDO - Visita? Não, senhor; são mesmo da casa.

BALTAZAR - O que? A pequena em causa é a Gabriela? E o pai é o Júlio?

ALFREDO - Exactamente.

BALTAZAR(RINDO) Ah. Ah. Ah. ... Boa piada. Pois essa é que eu não esperava.

ALFREDO - Mas, onde é que está a piada graça?

BALTAZAR - Em tudo isto, rapaz; em tudo isto. A Gabriela é a minha afilhada filha do tal amigo que andava a procura de um marido para ela e tu és o meu afilhado de quem eu lhe falei. Então isto não tem carradas de graça?

ALFREDO - Por enquanto, ainda não lhe acho muita.

BALTAZAR - ~~Tá~~ Talvez a aches no fim de tudo isto. Quais são as razões que o Júlio invoca para impedir que cases com a filha?

ALFREDO - O facto de eu ser pobre e não ter emprego.

BALTAZAR - So isso?

ALFREDO - E acha pouco?

BALTAZAR - Pois claro que acho, porque esses casos resolvo-os eu com a maior das facilidades. Mas agora também quero entrar na brincadeira. Quando um dia, souberes o passado do teu futuro sogro e o princípio da sua grande fortuna, chegaras à conclusão de que tudo isso que estás a fazer não passa de uma brincadeira de crianças.

ALFREDO - Então o padrinho quer ajudar-me?

BALTAZAR - De alma e coração. E é para já, pois parece-me que vem aí o Júlio (vozes, dentro) E ele mesmo.

#### CENA XXI

Os mesmos, JÚLIO, DR. AFRÂNIO e depois GABRIELA e MARIA

JÚLIO (entrando pela direita seguido do Dr. Afrânio) Não me venha para cá com teorias científicas. O que eu quero é factos.

DR. AFRÂNIO - Mas os factos estão à vista, são palpáveis. E ou não é verdade que a sua filha melhorou rapidamente?

JÚLIO Lá isso é. Mas onde está esse mágico desse enfermeiro, que nem sequer ainda lhe vi a cor?

DR. AFRÂNIO - Esta ali (aponta para Alfredo)

de casa?

ALFREDO - Aquele que o senhor Doutor Afranio prescreveu.

JULIAO - E o que foi que o senhor Doutor Afranio prescreveu?

DR. AFRANIO - O que estava mais indicado para este caso.

JULIAO - (zangado) Irra, que nao os entendo. Falem claro de uma vez.

GABRIELA - (entrando pela direita, seguida de Maria) Quem vai falar claro sou eu .

MARIA - Ai, menina, <sup>pelto amor de Deus</sup> veja la o que vai fazer.

JULIAO - (para Maria) Cala o bico. (para Gabriela) Fala.

GABRIELA - Meu pai. Pode castigar-me severamente, se assim o entender mas vou dizer-lhe toda a verdade, pois ja nao posso com tanta ~~tralhada~~ <sup>trabalhada</sup> Nunca estive doente. Perdi os sentidos, por momentos e quando os recuperei vi-me metida em toda esta embrulhada. A carta que o pai encontrou sobre aquela mesa, nao era para a Maria, era para mim. Aquele homem que ali esta, nao e enfermeiro.

JULIAO - Nao e ? Entao quem e este intruso?

GABRIELA - E o Alfredo, o meu noivo e o autor da carta.

JULIAO - Foi ele que fez aqueles horriveis versos?

GABRIELA - Horriveis nao; encantadores.

JULIAO - (indo irado a Alfredo) Ah... bandido... Como te atreves-te a entrar na minha casa? (os outros evitam que Juliao se aproxime de Alfredo).

MARIA - Isto ainda da sarilho. Vou chamar o senhor Francisco (sai pela esquerda).

GABRIELA - Mas ainda nao disse tudo. O unico homem que amo e poderei amar e esse. Foi a ele que escolhi para meu marido e nao casarei com qualquer outro. Se o meu pai nao nos der o seu consentimento, nao respondo por aquilo que farei, caindo sobre si toda a responsabilidade e remorso.

JULIAO - (avancando, colerico, para a filha) Ah... desgraçada... Pois tu atreves-te? (Baltazar e o Dr. Afranio seguram-no).

BALTAZAR - Tem juizo homem. Que mal te fez o rapaz? Qual e o defeito que lhe encontras?

JULIAO - E um cacador de dotes. Anda aqui so ao cheiro do dinheiro.

ALFREDO - (energico) Senhor Juliao .

GABRIELA - (energica) Meu pai .

DR. AFRANIO - Nao pense so no dinheiro, senhor Juliao Gonzaga. Tenha um pouco de coracao. Faca estes entes felizes.

Juliao - Olhe que o senhor tambem saiu-me um bom alcoviteiro.

BALTAZAR - E tu um bom palerma e um ganancioso de primeira categoria. Mas, se e so o dinheiro que te preocupa, vou dar-te uma grande satisfacao; talvez tao grande como aquela que tives-te quando a tua sogra morreu... e te deixou todos os bens. Aqui perante estas testemunhas e por minha livre vontade, instituo o meu afilhado Alfredo meu herdeiro universal, pois ja nao tenho ninguem de familia.

JULIAO - (atonito) Teu afilhado? Mas.. que quer isto tudo dizer?

BALTAZAR - Quer dizer que o destino e mais forte que todo o dinheiro do Mundo. Por uma coincidencia feliz, vim encontrar na tua casa e es-corracado por ti, o rapaz de que te falei para casar com a tua filha. Quando te propuz aquele negocio era para ver ate onde chegava a tua ambicao e o pouco que consideravas Amor, pois nunca consentiria que a minha afilhada casasse com um homem que nao conhecia so para satisfazer a ganancia do pai.

JULIAO - Acaba la com o sermao e vamos ao que interessa. Se tudo e exactamente como dizes e se nao voltas com a tua palavra atras acho melhor arrumarmos este assunto. Ja nao tenho nada a objectar.

GABRIELA - (contente) Podemos, entao, casar?

BALTAZAR - Claro que podem e devem. E eu apadrinharei o enlace, ficando a ser vosso bi-padrinho, ou melhor, vendo bem as coisas padrinho em quadruplicado, o que nao quer dizer que seja um quadrupede...

#### CENA XXII

#### Os mesmos Francisco e Maria

FRANCISCO - (entra pela esquerda apressado, trazendo na mao a manivela do carro) Mas, entao, o que e que ha aqui?

JULIAO - O que e que voce quer?

FRANCISCO - Disseram-me que queriam bater no patroa, e eu vinha ajudar...

JULIAO - (caminhando, ameaçador, para Francisco) O que?

FRANCISCO - Vinha apartar, queria eu dizer...

JULIAO - Mas quem e que o chamou ca?

MARIA- Fui eu, Senhor Gonzaga. Vi o caso tao mal parado...



BALTAZAR - Pois se o viu mal parado, agora esta a andar muitissimo bem.  
A menina Gabriela vai casar com o Senhor Alfredo.

FRANCISCO - Plavra? Vai haver boda? Entao isto nao fica por aqui (a Maria)  
O menina Maria, chegue aqui num instantânho, se faz favor (che-  
gam-se a boca da cena, todos os outros ficam ao fundo conver-  
sando baixo) Agora que tudo isto x chegou a bom termo e a altu-  
ra de lhe fazer a minha proposta.

MARIA - Que proposta?

FRANCISCO - Apenas esta... Quer casar comigo?

MARIA - Que ideia senhor Francisco... Ja reparou na diferenca das nossas  
idades?

FRANCISCO - Diferenca? Nao, nao reparei...

MARIA - Entao, repare. Que idade tem vocecece?

FRANCISCO - (endireitando-se) Cinquenta anos, e so fui descarbonizado uma  
vez...

MARIA - Muito bem. Vocemece tem cinquenta anos e eu tenho vinte e cinco,  
o que quer dizer que tem o dobro da minha idade.

FRANCISCO - De facto, assim e.

MARIA - Ora sendo assim, quando eu tiver cinquenta anos tem vocecece cem  
nao e verdade?

FRANCISCO - (apalermadao) Pois e, e com essa idade so sirvo para a socata  
(noutro tom) Mas olhe que a menina Maria, se quiser chegar aos  
cinquenta anos com bom aspect, tem que ser muito bem ~~raciada~~  
recalchutada ...

JULIAO - Entao, essa conversa nunca mais acaba?

FRANCISCO - Ja acabou, patrao.

BALTAZAR - E a que conclusao e que chegaram?

FRANCISCO - Chegamos a conclusao de que, para conseguirmos ir os dois em  
rodagem, tenho que fazer uma grande reparacao no motor.

PANO, rapido